

## QUE LÍNGUA É ESSA QUE, EM SOLO BRASILEIRO, SE INSTITUCIONALIZA NOS INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS?<sup>1</sup>

Vanise MEDEIROS<sup>2</sup>  
Verli PETRI<sup>3</sup>

*Eu viajava com as palavras ao modo de um dicionário.*  
(Manoel de Barros)

### RESUMO

As relações entre língua, história e memória nos tocam de modo muito especial, enquanto brasileiros que têm como língua nacional e oficial a língua portuguesa, sobretudo quando nos propomos a refletir sobre o processo de colonização/descolonização linguística (Mariani, 2004; Orlandi, 2009). A língua nomeada portuguesa é, no Brasil, posta como língua da mãe, língua da escola, língua que é unidade, mas também como língua da diversidade, tanto interna ao solo brasileiro quanto em relação a Portugal. É nos espaços de contradição que essa língua se constitui e se institui, espaço este no qual nos interessa instalar uma discussão mais específica sobre a língua que trabalha o efeito de unidade e de diversidade. Com este trabalho, consideramos uma reflexão já por nós engendrada (Petri & Medeiros, 2013) sobre as partições na língua. As partições não desintegram a língua, ao contrário, trabalham a unidade nacional, delimitando o que seriam suas especificidades, entre outras, sociais e regionais. Nossa proposta é fazer um recorte que explicita dois espaços de produção linguística que promovem, ao mesmo tempo, a manutenção da língua (com seu efeito de totalidade) e a partição da língua (introduzindo o diferente no interior do mesmo) a fim de dar continuidade a uma reflexão sobre memória na língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua; regional; nacional; História das Ideias Linguísticas.

### 1. Introdução

A questão que se coloca como ponto de partida desta reflexão é: “Que língua é essa que está institucionalizada nos instrumentos linguísticos?”. Ao prepararmos nossa

---

1 Este texto parte advém de um artigo (Petri e Medeiros, 2013), fruto de nossa pesquisa, publicado na revista *Letras* 46, UFSM, 2013.

2 Bolsista PQ-CNPq. Laboratório Arquivos do Sujeito/UFF, CNPq, FAPERJ. Santa Teresa, Rio de Janeiro. CEP: 20240090, email: vanisegm@yahoo.com.br

3 Laboratório Corpus, PPGL/UFSM. Santa Maria, Rio Grande do Sul, CEP: 97010031, email: verli.petri72@gmail.com

apresentação para um congresso internacional fez-se necessário especificar que estamos tratando do “espaço de enunciação” (cf. Guimarães) brasileiro. Por espaço de enunciação, estamos considerando Guimarães:

espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto. [...] Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços 'habitados' por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer." (GUIMARÃES, 2005, p. 18)

Nossa proposta é pensar as partições na língua, como isso funciona nos instrumentos linguísticos, bem como isso pode trabalhar para a efetivação de uma dada unidade nacional. Aprendemos com Aurox (1992) que o funcionamento dos dicionários e das gramáticas é essencial ao processo de gramatização de uma língua, e por gramatização, entende-se: “o processo que conduz a *descrever e instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário.” (Aurox, 1992, p. 65).

No espaço de constituição e institucionalização da língua portuguesa no e do Brasil não é diferente, pois esses instrumentos linguísticos ocupam um lugar de fundação e a eles somam-se muitos outros. Em Petri (2012, p. 29), temos a afirmação de que

tratar de instrumentos linguísticos, hoje, é trazer à baila uma série de objetos que funcionam no interior do processo de instrumentação da língua, tais como: livros didáticos, dicionários de especialidades e ou de regionalismos, sites da internet, Museu da Língua Portuguesa, diferentes materiais publicitários, etc.

De fato, nossas pesquisas têm nos levado a ampliar o rol de instrumentos linguísticos que trabalham a institucionalização da língua, dentre os quais destacamos ainda, como exemplo, o jornal nos anos 50 (Medeiros, 2010), em que se tinha, na coluna do Bechara, um curso de língua portuguesa, à semelhança de uma gramática, publicado semanalmente em página fixa no *Jornal do Brasil*. Neste caso, o jornal servia de suporte à gramatização da língua: dava-se a saber naquele espaço da gramática da língua pelo jornal.

Portanto, no interior de um universo consideravelmente grande de instrumentos linguísticos disponíveis para essa pesquisa selecionamos quatro deles na tentativa de dar

conta de diferentes regiões do Brasil, cada uma delas com sua especificidade linguajeira, são eles:

- (1) *Colleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, de Pereira Coruja (1852),
- (2) *Popularium sulriograndense e o dialecto nacional*, de Appolinario Porto Alegre (1870),

e os glossários de:

- (3) *O Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral (1920),
- (4) *O Linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922).

## **2. Lendo nossos vocabulários e glossários**

Pensando nas relações que se estabelecem na língua enquanto ela está em processo de institucionalização no final dos séculos XIX e início do século XX, observamos partições sobre a língua, indicando o que seria regional. Tais partições podem funcionar como metonímias do nacional – na medida em que é posto como parte da língua -; ou podem ser, contraditoriamente, excluídas do nacional uma vez que significadas como desvio, incorreção, vício, patologia, como em Amaral (cf. Medeiros e Mattos, 2012) e em Nascentes, “iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser deles, do mesmo modo que o médico estuda a etiologia das moléstias” (Nascentes, 1953, p. 14), ou ainda “são dos mais alto valor científico os casos de patologia linguística” (*idem*, p. 12). É o que já apontamos em outros trabalhos como dentro-fora da língua (Medeiros, 2012).

Nesse momento final do século XIX (das obras de Pereira Coruja e de Apolinário Porto Alegre), observa-se o empenho em trabalhar o que estamos apontando como partições na língua, indicando que suas origens não podem ser tributadas apenas ao saber instituído como lusitano ou hispano. A presença de outras origens, sobretudo a das línguas indígenas (que se fazem presentes nas quatro obras), emerge no discurso daqueles que estudam a língua e que tentam capturar essa língua em listas de palavras. É nessa relação tensa – que diz da origem, que diz das fronteiras e que confere um estatuto regional –, que se trabalha a emergência de um sujeito na e da língua posta como uma - dada pela oficialidade e nacionalidade que representa sujeito brasileiro. A nosso ver,

isso faz deslocar a ideia de um “sujeito brasileiro” como universal para se pensar nas diferenças que dizem do sujeito que se inscreve nessa língua nacional que se parte. Partes de algo que não pode se encaixar. Em outras palavras, foi preciso partir para dizer do próprio, do que seria nacional, mas as partes – muitas, difusas, entrecortadas e entrelaçadas – não formam o todo; são partes que mantêm uma tensa relação com o nacional, numa tentativa, por vezes, de afirmação do local em detrimento de algo que vem de fora, e que veio, sobretudo, do processo de colonização portuguesa; de explicitar o que é regional e que é constitutivo do que se entenderia nacional, num Brasil em processo de afirmação de sua brasilidade.

Dicionários, vocabulários, bem como glossários são lugares de memória na língua – e isto, de diferentes maneiras, encontra-se no trabalho, já seminal, de Horta (2006). Memória que não se faz sem desvãos, interditos, apagamentos e deslocamentos; memória tensa, tecida na e sobre a língua nos procedimentos tornados prática no fazer dicionarístico: seleção, indicação sobre a palavra – se substantivo, se brasileirismo, por exemplo – definição e/ou explicação, exemplificação, remissão a outros verbetes e fontes indicadas. Uma língua que, nesses lugares, vai funcionando como evidente e como patrimônio de uma nação (ou de uma região). Não é diferente nos glossários; esses, como sabemos com Auroux (2008), advieram de listas de palavras e resultaram em dicionários. Se os glossários têm tal trajetória, isto não significa, contudo, que perderam espaço para os dicionários. Ao contrário, continuam sendo produzidos até hoje.

Em nossas pesquisas, temos observado que seu funcionamento por vezes difere do dicionário, quando se têm, por exemplo, somente palavras ladeadas por outras palavras; por vezes não, quando se têm verbetes seguidos de classificações, explicações, definições, sinónimas e exemplos. No entanto, um glossário, qualquer que seja, não tem o mesmo estatuto do dicionário: este se apresenta na sociedade como lugar de consulta da língua – monumento de um patrimônio - e, como tal, adentra espaços escolares e institucionais, espaços privados e públicos quaisquer. Já o glossário não se apresenta como tal; outro leitor aí se inscreve. Grosso modo, diremos que se destina a um público mais específico; mais restritos são os seus espaços de circulação. Se um dicionário produz o efeito de completude, diremos que no glossário o efeito é outro, o

de parte especial e específica na língua, isto é, o glossário aponta para uma especificidade qualquer, seja de um texto literário, seja de uma região, por exemplo<sup>4</sup>.

Listas de palavras, como já dissemos, e vocabulários surgiram antes dos glossários. Estes advieram daqueles. Vocabulários e glossários, assim como os dicionários e gramáticas, são discursos sobre a língua. São discursos que institucionalizam uma língua, que a trabalham como patrimônio; no nosso caso, que institucionalizam, por exemplo, um léxico como de um ou de outro lugar, revelando nuances de sentidos, diferenças e aproximações, compondo, juntos, a heterogeneidade constitutiva dessa língua. Esta breve reflexão sobre glossários, que se estende aos vocabulários, deve-se ao material aqui selecionado, a partir do qual pretendemos pensar a relação entre o nacional e o regional.

A *Collecção de Vocábulos* foi retomada e Spalding, nos anos 40, na *Revista Província de São Pedro*. Para ele, a “Coleção” foi o primeiro vocabulário regional gaúcho. O trabalho de Spalding é marcado por notas sobre a *Colecção de vocábulos* proposta por Coruja quase cem anos antes. Isto vai lhe dar um caráter de reedição – e repetição – e atualização. Traz-se à luz do século XX os estudos de Coruja e se atualiza a *Colecção*, reiterando sentidos e mobilizando outros. No gesto da repetição, atualização e deslocamento.

O *Popularium* foi reorganizado e editado por Hessel, na década de 80 do século XX. Há diferentes versões sobre o *Popularium*. Ente outras, uma diz que a obra teria sido publicada no século XIX; outra, de Hessel (1980), nega tal publicação ou alega que se perdeu, já que não se tem um único exemplar. No entanto, ambos historiadores tiveram acesso aos manuscritos, não restando dúvidas de que a obra foi produzida na segunda metade do século XIX.

*Collecção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*<sup>5</sup>, de Pereira Coruja, e *Popularium sulriograndense e o dialecto nacional*, de Appolinario Porto Alegre, fazem parte do que Ferreira e Cardoso (1994) apontam como primeira fase dos estudos dialetais no Brasil. De acordo com as autoras, esta é uma fase caracterizada pelos trabalhos voltados para estudos lexicais e suas especificidades. Na lista das autoras (Ferreira e Cardoso, 1994, p. 38) consta o *Popularium* de Apolinário, entre outros produtos. Ainda consoante às autoras, esta é

---

4 Ou ainda de uma classe social.

5 Assim era nomeado, à época, o estado do Rio Grande do Sul.

uma fase que se inicia em 1826 e que termina em 1920, com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral.

*O Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, de 1920, e *O Linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, de 1922, ambos compostos de glossários, são apontados nos estudos de dialetologia como obras capitais do início do século XX.

*O Dialeto Caipira* e o *Linguajar Carioca* compõem, conforme Ferreira e Cardoso (1994), a segunda fase dos estudos dialetais no Brasil, que se caracteriza pela “predominância de trabalhos voltados para os estudos gramaticais”, embora, e isto interessa ressaltar, sejam “numerosos estudos de natureza lexicográfica” (*idem*, p. 39). Esta segunda fase, para estas autoras, termina em 1952, quando se passa a ter estudos sistemáticos sobre a língua. Em suma, para elas, a *Colleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* e o *Popularium sulriograndense e o dialecto nacional* integram a primeira fase, ao passo que *Dialeto Caipira* e o *Linguajar Carioca* inserem-se em outra fase; naquela se acentuam os estudos lexicográficos, nesta se faz notar uma preocupação com estudos gramaticais sobre a língua embora se produzam vários léxicos e glossários regionais<sup>6</sup>. Ambas são marcadas por estudos não sistemáticos. Antes de prosseguir, cabe uma observação: se estas fases eram marcadas por estudos não sistemáticos, não podemos deixar de observar que em Apolinário havia uma preocupação com a nomenclatura para os estudos lexicográficos, seja procurando separar palavras de locuções, seja tentando identificar o que seria possível determinar a origem etimológica do que não seria. Certamente, ele ficou ainda à margem da criação de um método, tal como concebemos atualmente, mas também podemos dizer que estava entendendo a importância de se ter um método para esse tipo de estudo.

Outra divisão nos é dada por Guimarães (1996). De acordo com este autor, *Colleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* e o *Popularium sulriograndense e o dialecto nacional* se encontrariam numa primeira fase, isto é, uma fase que se caracteriza por uma ausência de estudos da língua feitos no Brasil. É interessante observar que estes autores com que estamos trabalhando, apesar de se situarem nesta fase, são brasileiros e já demonstram tal preocupação. Em Guimarães, bem como em Ferreira e Cardoso, as obras de Amaral e Nascentes estão

---

6 A lista que elas apresentam no tocante a léxico e glossários regionais é: *Vocabulário gaúcho*, de Roque Callage, de 1926; *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul – Linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano, de 1933; *O Vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa, de 1937; *Vocabulário amazonense* de Alfredo da Maia, de 1939 (Ferreira e Cardoso, 1994, p 43).

inseridas também em uma segunda fase, mas que se inicia no final do século XIX com a publicação de gramáticas por autores brasileiros e pela fundação da Academia Brasileira de Letras. Em outras palavras, o que marca a segunda fase em Guimarães é a produção de um dizer da língua do lugar do brasileiro (produção de gramáticas e espaço institucional da ABL).

A obra de Pereira Coruja apresenta uma lista de palavras em ordem alfabética, com classificação gramatical (verbo, substantivo, adjetivo, particípio). Tem-se uma lista de vocábulos e frases usados do Brasil (com suas relações de fronteira) e propõe-se a fazer “uma coleção com suas respectivas explicações, dando a muitos a origem provável, e deixando de outros a quem com mais critério os possa investigar” (1852).

Em meados do século XIX, como é possível observar na obra de Coruja, há a preocupação em compilar palavras da língua e seus sentidos na região sul do Brasil. Há aí uma referência à matriz portuguesa. Em Pereira Coruja encontramos a distinção entre um sujeito que fala a língua na “região da campanha” e o que é admitido “no centro das povoações”. É visando compilar vocábulos – e respectivos sentidos – não encontrados em dicionários disponíveis à época que ele propõe a sua *Coleção*. Por fim, a preocupação com o local não se fazia sem tributo à matriz portuguesa, numa relação de adição à tal matriz.

No *Popularium* de Apolinário Porto Alegre, encontramos uma pesquisa preocupada com as questões concernentes à língua falada do e no Brasil, situada na região sul; busca-se a realização de um levantamento etimológico para o que se tinha à época, vinculando as origens da maioria das palavras a línguas indígenas e/ou negras, o que não ocorre com frequência em Pereira Coruja. Para Apolinário Porto Alegre, as palavras dessa língua falada não deviam somente tributo assim à Língua Portuguesa de Portugal, já que suas raízes eram muitas vezes da língua indígena, negra, mas também castelhana, entre outras. Podemos dizer que na obra de Porto Alegre o regional vem para compor uma unidade nacional, unidade para dar conta da heterogeneidade da língua. Diferentemente de Pereira Coruja, pensar o regional na obra de Porto Alegre é também observar o funcionamento da metonímia enquanto processo de produção de sentidos que explicita os regionalismos como parte do todo, configurado pelo nacional; exemplos disso em dois verbetes:

**Anum** – Dança e canto do povo rio-grandense. (Porto Alegre, 1980)

**Apinchar** – Atirar o laço e, fig [uradamente]<sup>7</sup>, lançar um objeto qualquer de uma pessoa para outra. (...) O mesmo em Minas, São Paulo, Santa Catarina, em Cima da Serra, no Rio Grande. (...) Etim.: no guarani apyl, laço correção. (...). (Porto Alegre, 1980)

Como se nota, em Porto Alegre, há um próprio do sul (verbetes *anum*), mas também o que ocorre no Rio Grande do Sul (verbetes *apinchar*) é remetido a outros estados brasileiros mostrando um movimento na língua de formação de uma nação.

*O Dialeto Caipira e O Linguajar Carioca* indicam outras partições na língua: uma que seria, com Amaral, do roceiro, do caipira inculto, daí dialeto caipira; outra, que seria da região carioca, com Nascentes. Uma posta como dialeto; outra como linguajar. Com a primeira, a divisão que a sustenta é entre o urbano culto e o rural inculto. É interessante que a divisão social – culto e inculto – que comparece no título – caipira – é proposta como de uma região e se faz significar como regional. Com o segundo, a divisão que se dá a ver é entre o culto posto como correto (“Pouco nos interessa a língua das classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a espontaneidade da língua popular”, Nascentes, 1953, p. 14) e o inculto, tal como no Amaral, e como tal é pensado como de uma região. Ambos indicam que são fortes, pois, neste momento, as fronteiras geográficas e que estas se sobrepõem às sociais. No entanto, em Nascentes, a região é a metrópole, e, com isso, a marca do inculto vai significar “locuções populares” ou “gírias” de uma grande metrópole, ou seja, há aí um deslocamento que vai permitir a indicação da gíria, o que não ocorre em Amaral. Julgamos que o fato de o Rio ser capital vai impedir no título o termo dialeto – polêmica à época e presente na introdução de Nascentes – e a divisão na língua vai filiar-se a uma divisão entre escrita – portuguesa – e fala – brasileira, inscrita no título “linguajar carioca”.

As obras de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes são produzidas em um momento que se diz do nacional em oposição a Portugal (Guimarães, Orlandi, 2002), e isto significa que é preciso observar a diversidade interna para configurar o que vai ser o nacional; por outro lado, essa diversidade interna, que também vai sendo capturada em glossários e vocabulários regionalistas (Ferreira e Cardoso, 1994), é marcada como tal. É, pois, necessário apontar aquilo que é próprio no solo brasileiro para configurar o nacional, e o que é próprio vai sendo marcado nesses estudos lexicográficos como de uma ou outra região; regional, portanto. Reside aí uma contradição que diremos própria do binômio regional/nacional: diz-se o regional para configurar o nacional, mas marcar

---

7 Os colchetes representam os acréscimos do reorganizador, Lothar Hessel.

como regional não implica necessariamente em ser nacional. Parte que fará pertencer ao todo – nacional –, mas como parte. Melhor explicando, palavras advindas dos glossários adentram os dicionários da língua, ou seja, há nesses instrumentos linguísticos marcação para regional, mas não para aquilo que é nacional, ou seja, o nacional funciona nos dicionários como forma não-marcada. Não como parte, mas sob o efeito de totalidade.

Sigamos um pouco mais com o material analisado. Consideramos a letra A em todos eles. Em Pereira Coruja, das 27 entradas (verbetes) iniciadas com a letra “A”, Spalding comenta 19 em suas notas produzidas nos anos 40 do século XX. No *Popularium* são mais de 40 páginas do que é nomeado (pelo reorganizador) como “Vocabulário Rio-Grandense”, seguido do título pensado por Apolinário Porto Alegre, que foi *Nomenclatura Geral*. Não se tem aí uma classificação gramatical, mas indicações de Etimologia (Etim.), Diminutivo (Dim.), e Exemplo (Ex.:).

O primeiro aspecto que nos chama a atenção diz respeito ao que, de alguma forma, aproxima as duas obras, já que ambas são produzidas a partir da linguagem posta como própria ao Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX. E, num segundo momento, vamos explicitar o que os coloca em patamares diferentes. Vejamos:

(i) A escolha da maioria dos verbetes evidencia as relações do homem com a terra e com os animais (gado, cavalo, etc.). Como se pode observar nos verbetes dos dois autores:

**Acolherar**, v. a. unir animais em colhera. Diz-se mais propriamente dos cavalos. (Pereira Coruja, 2013)

**Abagualado** – tornado bagual, selvagem, indômito. (Porto Alegre, 1980)

(ii) A presença do prefixo “a” marcando a possibilidade de estar em processo, indicando movimento pelo verbo tornar ou tornar-se. O que é frequente tanto em Pereira Coruja quanto em Apolinário Porto Alegre, conforme demonstram os verbetes selecionados:

**Amadrinhar**, v. a. acostumar os cavalos a persistirem junto de uma égua a que se dá o nome de “Égua-madrinha”. O cavalo assim acostumado se diz amadrinhado. (Pereira Coruja, 2013)

**Acablocar-se** – tornar-se trigueiro, ter a cor vermelha escura, tomar hábitos de índio. (Porto Alegre, 1980)

(iii) O interesse pela identificação da origem da palavra e sua etimologia, em Porto Alegre, como podemos ver no verbete que segue:

**Abombar** – Perder o animal as forças pela ação solar ou longa estirada, podendo aliás continuar a viagem, apenas descanse ou refresque o tempo. Figurado. Ficar acabrunhado:

[“Ai, saudades, Ainda me lembro

De um dia que lá cantei!

De amores meio abombado

Este verso lhe botei.”

(Poesia popular anônima – O Balão).]

É o *afrontar* do Norte (B. Rohan).

Etim.: de *amombá*, consumir, gastar, acabar. O *m* permutou pela análoga labial *b*, o que pertence ao próprio guarani. Ver regra de Anchieta na *Introdução*. Todos têm errado nesta etimologia. B. Rohan, que a suspeitou, deixou-se arrastar pela Zorobabel Rodrigues. Basta dizer que dicionário nenhum espanhol dá tal acepção, para repelir semelhante origem. (Porto Alegre, 1980)

Em contraposição ao que está posto em Coruja que busca, com frequência, uma ligação da sua *Coleção de Vocábulos* com origens lusitana ou mesmo hispana, sem, no entanto, tecer maiores explicações, como podemos observar no verbete que segue:

**Aperos**, s. m. pl. (do cast. “apêro”, no português temos “apeiro”) os preparos necessários para ensilhar um cavalo: diz-se estar o cavalo “bem aperado”, quando está ricamente ornado para montar-se. (Pereira Coruja, 2013)

Por fim, ocorre tanto à referência explícita ao regionalismo, como em Apolinário Porto Alegre; quanto às relações com a língua portuguesa, como podemos observar em Pereira Coruja. Colocando-os em posições diferentes em relação à língua. Vejamos os verbetes *anum* e *apero* já mostrados: **(pp8)**

**Anum** – Dança e canto do povo rio-grandense. (Porto Alegre, 1980)

**Aperos** – s. m. pl. (do cast. “apêro”, no português temos “apeiro”) os preparos necessários para ensilhar um cavalo: diz-se estar o cavalo “bem aperado”, quando está ricamente ornado para montar-se. (Pereira Coruja, 2013)

O glossário de Amadeu Amaral compõe a maior parte do livro *Dialeto Caipira*; já o de Antenor Nascentes é bem mais restrito e encontra-se ao final. São cento e trinta e oito verbetes (138) em Amaral e quarenta e quatro (44) em Nascentes. O glossário de Amaral apresenta classificação gramatical e indicação de gênero; em seguida, sinonímia, explicações e exemplificações<sup>8</sup>. Em Nascentes, não há classificação

---

8 O glossário de Amaral apresenta também abonações aos verbetes. Tais abonações são interessantes na medida em que a língua posta como do roceiro é contraditoriamente caucionada pela literatura portuguesa, como Camões, por exemplo.

gramatical, o movimento é, sobretudo, da sinonímia; poucas são as explicações e raros os exemplos. São, pois, dois funcionamentos distintos: um que se aproxima daquele do dicionário; outro que diríamos se apresentar como uma lista de palavras seguidas por outras. Observem-se os exemplos:

ANGÚ, s.m. – papas de farinha ou de fubá. Fig.: negócio desordenado, teia de intrigas e mexericos, coisa confusa, e ininteligível. (Amaral, 1920).

ANGU – barulho, intriga, confusão (Nascentes, 1922).

APARÊIO, aparelho, s.m. – Na loc. “aparêio de fumo”, que compreende o isqueiro, a pedra, o fuzil, e parece que também é necessário para fazer o cigarro. (Amaral, 1920).

APARELHO, APAREIO – telefone, pessoa que atua como médium. (Nascentes, 1922).

Em ambos, diferentemente do que se observou em Pereira Coruja e Apolinário Porto Alegre, a captura da palavra é marcada por uma ortografia que flutua, como é o caso da acentuação nestes exemplos dados (angú, angu; aparêio, apareio). É a marca da oralidade da língua que se apreende como sendo das regiões focalizadas; flutuação que se faz presente na inscrição do verbete indicando a preocupação com a pronúncia, avisam eles; tensão, nós diremos, na língua posta como do outro: do “roceiro caipira”, caso de Amaral, e do “léxico carioca”, caso de Nascentes. E também movimento do que seria regional para nacional (APARÊIO, aparelho), em Amaral; movimento do nacional para regional (APARELHO, APAREIO), em Nascentes.

Se alguns verbetes são os mesmos, como pudemos ler anteriormente, os sentidos deslizam (caso de *angú/angu*), ou são outros (caso de *aparêio/apareio*). Nascentes já havia denunciado tal possibilidade no capítulo denominado “Léxico”: “Com efeito, capital e mais importante cidade do Brasil, o Rio de Janeiro exerce sobre o resto do país uma força centrípeta que acarreta para o vocabulário carioca termos oriundos de todos os Estados” (Nascentes, 1956, pag. 181)

O próprio autor já havia apontado ainda a “força contrária” que consiste na repercussão dos neologismos cariocas para todo o país, dado o fato de o Rio ser capital. Este autor destaca também a dificuldade de seguir o léxico desde seu nascedouro (*idem*), ou seja, de se poder indicar de onde provém alguns vocábulos. Ora, para além dessas dificuldades, o que nos interessa aqui destacar são os fenômenos de pronúncia que se marcam na grafia de alguns verbetes em Amaral e Nascentes:

ABANCÁ(R); ABRIDERA; AMARELÁ, MARELÁ; APARÊIO, APARELHO. (Amaral, 1920)

ABAFAR, ABAFÁ; ALAVANCA, LAVANCA; ARRUMADEIRA, ARRUMADERA; APARELHO, APAREIO. (Nascentes, 1922)

São, pois, ocorrências linguísticas comuns aos dois glossários, a saber:

(i) supressão do fonema “r” final (caso e “abancá”, em Amaral; e de “abafá”, em Nascentes);

(ii) supressão de fonema no início de palavra (caso de “marelá”, em Amaral; e de “lavanca”, em Nascentes);

(iii) redução do grupo “ei” a “e” quando diante de “r”, por exemplo (caso de “abridera” em ambos);

(iv) “lh” vocaliza-se em “i” (caso de “aparêio” / “apareio”).

Se tais ocorrências particularizam o “dialeto caipira”, por que se fazem presentes no “línguajar carioca”? Se, por outro lado, são ocorrências nacionais, no entanto, nas referidas obras são indicadas como regionais. Ademais, a grafia as denuncia como não nacionais...

O que é próprio, então, do regional? É esta uma das tensões de que falamos anteriormente ao se indicar como sendo de uma região aquilo que comparece também em outra. É o que acontece com os verbetes. São muitos os verbetes comuns entre Amaral e Nascentes, são vários entre Pereira Coruja e Apolinário Porto Alegre, mas também são significativos os comuns entre Coruja, Apolinário e Amaral, como *abombar*, por exemplo, já visto em Apolinário, anteriormente, e que comparece em:

**Abombar**, v. n. diz-se que o Cavallo. Quando tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas depois de refrescar ainda pôde continuar a viagem. (Pereira Coruja, 2014)

**ABOMBÁ(R)**, v.i. – extenuar-se (o animal). (Amaral, 1920)

E ainda entre Apolinário Porto Alegre, Amaral e Nascentes. Por exemplo:

**AZULAR**: Desaparecer, fugindo com pressa. Correr precipitadamente, escapar-se furtivamente. Etim.: de ayorá, no guarani. Traz Montoya:

“Soltar o atado: ayorá. Soltar-se ele: oyerá.” Vem dum sentido translato, isto é, fugir com a rapidez com que foge o preso que foi solto ou soltou-se. (Porto Alegre, 2013)

**AZULÁ(R)**, v.i. – fugir, Sentido irônico ou burlesco. “O tal sojeito, quando eu fui atrais dêle, já tinha *azulado*” (Amaral, 1920)

**AZULAR, AZULÁ(R)** – fugir. (Nascentes, 1922).

Neles, vemos o gesto de captura de um dizer que se julga próprio de um lugar, mas que os vocabulários e glossários, ao apreendê-los denunciam sua movência por terras outras....

Pereira Coruja, Apolinário Porto Alegre, Amaral e Nascentes: quatro autores que trabalham uma língua partida, uma língua que se parte. Indo adiante, partições que tensionam, como dissemos, o todo de diferentes maneiras: na ilusão de compor o nacional como sua metonímia, como é o caso de Apolinário; na contradição com o nacional, como é o caso em Amaral e Nascentes. Já em Coruja, a partição se faz do lugar do gesto pioneiro que tenta capturar aquilo que não está ainda em nenhum lugar institucional, não está registrado em lugar algum à época e que trabalha assim o acréscimo à língua do colonizador.

### **3 Considerações finais**

Iniciamos nosso artigo com uma inquietação sobre o processo de institucionalização da língua, buscando compreender que língua é essa presente nos instrumentos linguísticos aos quais temos acesso, e, nesse momento, após as análises realizadas, podemos dizer que nos vocabulários e glossários, produzidos entre os séculos XIX e XX, guarda-se o desejo do sujeito que luta pela sua língua, pela institucionalização da língua falada em diferentes regiões do Brasil, muito embora o que é possível guardar seja parte da língua na ilusão de um todo nacional. A noção de língua partida mostra-se profícua para a reflexão que propomos e talvez ela possa produzir em nós o sentimento de pertença legítimo que um nacionalismo exacerbado não produziria.

Nossas indagações permanecem, a língua não é um objeto que proporciona respostas definitivas e como nos dizia Paul Henry, “se a questão é daquelas em que não se pode chegar ao fim, é possível deslocá-la, reformulá-la” (1993, p. 152).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Auroux, Sylvain. 1992. A revolução tecnológica da gramatização. Campinas: Ed. da Unicamp.

\_\_\_\_\_. 2008. “Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos lingüísticos”. In *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, no. 20, Campinas: Pontes.

Amaral, Amadeu. 2012. O dialeto caipira. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>>. Acesso em: 10 mar.

Ferreira, Carlota. e Cardoso, Suzana. 1994. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto.

Guimarães, Eduardo. 1996. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: Guimarães, Eduardo.; Orlandi, Eni. (Org.). *Língua e cidadania: o português do Brasil*. Campinas: Pontes, p. 127-138.

Guimarães, Eduardo. 2005. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes.

Henry, Paul. 1993. Sentido, sujeito e origem. Tradução de Eni P. Orlandi. In: Orlandi, Eni. P. (Org.) *Discurso fundador*. Campinas, SP: Pontes, p. 151-162.

Medeiros, Vanise. 2012 . Um glossário contemporâneo: a língua merece que se lute por ela. *Revista Rua*, n. 18, Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=132>. Acesso em: 28 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. 2010. Sabendo (d)a língua pelo jornal: o que colunas, publicações e produção de material nos dizem da língua. In: Medeiros, Vanise.; Tedesco, Maria. Teresa. *Travessia nos estudos de língua portuguesa: homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres*. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 287-296.

\_\_\_\_\_; Mattos, Thiago. 2012 O dialeto caipira, de Amadeu Amaral: discurso fundador e acontecimento discursivo. *Revista Confluências* (2012), ed. 42. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/>. Acesso em: 28 fev. 2013.

Nascentes. Antenor. 1953. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. 1922. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Süsserkind de Mendonça.

Nunes, José Horta. 2006. *Dicionários no Brasil*. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP.

\_\_\_\_\_. 2008. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngües no Brasil. In: LIMA, I., S.; DO CARMO, L. *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 353-374.

Orlandi, Eni. 2002. *Língua e conhecimento lingüístico*. Campinas: Cortez.

Pereira Coruja, A. A. 2013. *Collecção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: 1º mar. 2013.

Petri, Verli. 2012. Gramatização das línguas e instrumentos lingüísticos: a especificidade do dicionário regionalista. *Língua e instrumentos lingüísticos*, Campinas: RG Editora, n. 29, p. 23-37.

\_\_\_\_\_. 2010. Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos. Santa Maria: PPGL/UFSM.

\_\_\_\_\_ e Medeiros. 2013. **Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros**, *Letras*, número 46, vol. 23 (jan-jun.2013), Revista da Pós-Graduação da UFSM.

Porto Alegre, Appolinário. 1980. *Popularium sul-rio-grandense*. 2. ed. Reorganização de Lothar Hessel. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

Spalding, W. 1947. Coleção de vocábulos e frases usados na província de S. Pedro do R. G. do Sul – Antonio Alvares Pereira Coruja – Anotações de Walter Spalding. In: *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, p. 159-165.

Scherer, Amanda; Petri, Verli. 2012. Os homens que compraram madrugadas... Pereira Coruja e Walter Spalding na história do falar gaúcho. In: Massmann, D.; Cintra, G. *Linguagem e historicidade*. Campinas: RG Editora, p. 59-76.

